

## CAPÍTULO 8

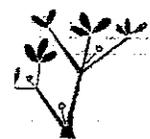
# TERRA PERSEGUIDA PELO HOMEM<sup>1</sup>

Mudança climática excessivamente rápida; extinções em massa; acidificação do oceano; poluentes de decaimento lento; contaminação de água doce; transições críticas do ecossistema: a industrialização provou ser muito mais letal para a vida na Terra do que seus criadores jamais sonharam. Abordar esse desastre oferece um dos maiores desafios para todas as pessoas inteligentes hoje em dia. Como os antropólogos podem voltar sua atenção para esse conjunto de questões? Este artigo sugere que podemos fazer algo fácil para aqueles treinados em nossa disciplina: explorar nossa ambivalência constitutiva sobre a figura do Iluminismo, o Homem. Trabalhar com essa figura pode fornecer uma descrição melhor dos pesadelos ambientais atuais. Nossa condição é, eu argumento: a Terra perseguida pelo Homem.

Outra maneira de abordar essas preocupações foi possível em virtude do surgimento do termo Antropoceno: a proposição sobre a época geológica na qual as atividades humanas ultrapassam as geleiras ao mudar a face da Terra. Algumas proposições sobre o Antropoceno são neutras ou mesmo triunfalistas. A maioria, no entanto, chama a atenção para os perigos crescentes da catástrofe ambiental.<sup>2</sup> De fato, o termo é contestado: cientistas sociais e de humanas têm sido particularmente vigilantes ao apontar

1 Earth stalked by man. *The Cambridge Journal of Anthropology*, v. 34, n. 1, p. 2-16, 2016.

2 O cronograma do Antropoceno ainda está em construção. Enquanto alguns arqueólogos defendem uma data inicial para o Antropoceno há cerca de 10.000 anos, a maioria dos estudiosos defende datas que remetem a processos ecológicos posteriores, desde o período da invasão colombiana do século XVII (Lewis e Maslin 2015) até a primeira bomba atômica em 1945 (Zalasiewicz et al. 2015).



*ração cria as  
ilidades das  
nas de replicação,  
tornam eficientes  
oras de ativos, que  
ser transformados  
mente em ativos  
s – e de fato  
n a produzir esse  
o de futuro a que  
mos de progresso.”*

suas fraquezas (ver, por exemplo, Haraway, 2015; Malm e Hornborg, 2014). No entanto, talvez o pior problema do termo – sua referência inicial ao Homem – possa ser sua característica mais reveladora. Tomar o Homem como um poder sério, nem para ser descartado nem para ser inocentemente seguido, é exatamente o que precisamos para observar o “Antropoceno fragmentado”, isto é, o terreno único e desigual da Terra perseguido pelo Homem.

Antropologia e Antropoceno: cada um oferece o prefixo “antropo-”, atestando suas raízes na genealogia do Homem iluminista. No entanto, cada um se revolta contra esse legado de diferentes maneiras. A antropologia recusa a abrangência do Homem e rasga seu manto em perspectivas fragmentadas e modos de vida. O antropoceno recusa o heroísmo da luta do Homem contra sua grande natureza antagonista e revela os terrores de sua destruição em todo o planeta. Essas reações são diferentes. Eles podem encontrar tração entre si? O Antropoceno pede à antropologia que leve a sério as questões de habitabilidade. Em vez de apenas seguir cientistas para questionar sua autoridade, somos instados a retornar às melhores descrições do mundo. Por sua vez, a multiplicidade antropológica rompe a unidade imaginada do Antropoceno, recusando a temporalidade universal. “Fragmentos” de diferença surgem, forçando heterogeneidades de escala em seus cálculos. Juntos, há trabalho que vale a pena fazer aqui.

Mas quem é esse personagem, Homem? Suas origens iluministas deram origem à nossa disciplina e ainda nos capacitam a escrever. No entanto, sua generalização sempre inclui alguns de nós mais do que outros, e essa tem sido a principal descoberta de nossa disciplina. Ele tem um gênero, uma raça, uma religião, uma teoria da propriedade e uma ideia sobre si mesmo; essas características permitem a ele generalizar. É difícil generalizar a partir de uma mulher muçulmana negra; só é possível generalizar a partir de um Homem branco cristão. Ao mesmo tempo, ele ultrapassa a si mesmo e prolifera; seus efeitos não estão limitados a sua classe, raça e gênero. Este é um terreno familiar para os antropólogos. Nós sabemos

como delimitá-lo e medir seus efeitos excessivos sobre a cultura e a história. Colocar este Homem no Antropoceno dá tração ao conceito em nossa disciplina – e conduz a uma melhor descrição.

A ambivalência antropológica sobre o Homem pode apresentar um problema central no estudo do Antropoceno: é global? Como o Homem, sim, claro... e não. É global, por definição: os modelos de mudança climática, por exemplo, são todos sobre a circulação global de ar e água. Você não pode “fazer” a mudança climática em apenas um lugar. O mesmo acontece com a crise da extinção: se você exterminar uma espécie em apenas uma área, ela não será extinta; extinção significa que o mundo inteiro perdeu essa espécie. E eu me lembro da rapidez com que a radiação do desastre de Fukushima foi notada na Finlândia, apesar de os ventos fazerem um longo caminho para chegarem lá. Quando os resíduos radioativos de Fukushima foram levados para o litoral da Califórnia algum tempo depois (Sherwood, 2014), foi apenas mais uma confirmação de que a radioatividade, como todas as formas de poluição, é um problema global.

E agora, é isso? O litoral da Califórnia é um lugar, assim como a floresta na Finlândia, onde a radiação de Fukushima foi medida. Nenhum de nós vive em um sistema global; nós moramos em lugares. Isso não significa que não viajemos, mas viajamos de um lugar para outro, não em uma globalidade abstrata. O Antropoceno é importante porque a habitabilidade é ameaçada pelas repercussões das atividades humanas. E nós experimentamos a habitabilidade apenas através dos lugares. O Antropoceno é encenado em lugares, mesmo quando é uma circulação global. Esta não é a mesma situação, digamos, de corporações supostamente globais, que existem apenas em lugares específicos. Lá, a ideologia é global e a implementação é local. O Antropoceno é global; só faz sentido em escala planetária. E é também sempre restrito, perspectivo e performativo. Isso não é apenas porque várias pessoas imaginam o Antropoceno de forma diferente, ou apenas porque os sistemas globais causam impacto em vários tipos de pessoas de maneira diferente. É mais que isso. O Antropoceno é fragmentado porque é composto de várias assembleias de habitabilidade. Existe apenas em e através desses fragmentos.

Cheguei a essa perspectiva por causa de meu deslizamento contingente ao território do Antropoceno. Fui convidada a reunir um grupo de pesquisa transdisciplinar em Aarhus, na Dinamarca. “O que devo propor?”, perguntei. “Faça algo sobre a mudança climática”,

disseram meus anfitriões, pensando no financiamento. Escrevi sobre paisagens antropogênicas (paisagens multiespécies nas quais os humanos desempenham um papel), já que essa era minha pesquisa, mas dei à proposta do nome de “Vivendo no Antropoceno”, para atrair os colaboradores. E funcionou: o termo atraiu cientistas, artistas, antropólogos e filósofos para uma conversa comum, e isso é ótimo. Mas meu começo por meio da paisagem me fez ver o Antropoceno através desta lente. As paisagens são assimétricas e irregulares – o que eu chamo de fragmentos.

Desde o primeiro momento pensei no Antropoceno através da figura da *plantation*. Por *plantation* quero dizer aquelas simplificações ecológicas nas quais os seres vivos são transformados em recursos – ativos futuros –, removendo-os de seus mundos de vida. As *plantations* são máquinas de replicação, ecologias evocadas para a produção do mesmo. Como muitos antropólogos têm mostrado, desemaranhar as coisas dessa maneira é realmente exótico. Produzir recursos – isto é, coisas desembaraçadas – requer trabalho cultural. Vamos chamar este trabalho de “alienação”, quer envolva humanos ou não humanos. A alienação cria as possibilidades das máquinas de replicação, que se tornam eficientes produtoras de ativos, que podem ser transformados novamente em ativos futuros – e de fato ajudam a produzir esse modelo de futuro a que chamamos de progresso. A alienação produz os dilemas ambientais que chamamos de Antropoceno. A mudança climática antropogênica, a crise de extinção e a poluição radioativa, meus exemplos até agora, são todos produzidos através da busca de ativos por meio de ecologias simplificadas e dos processos industriais que essas ecologias tornaram possíveis.

A vantagem de pensar nas *plantations* é que o Antropoceno fragmentado é imediatamente aparente. Por mais onipresentes que sejam as paisagens das *plantations* em nosso mundo hoje, elas não estão em toda parte. Existem muitas paisagens de entrelaçamento multiespécies, como as matas. E, no entanto, as *plantations* são energizadas pelas possibilidades de proliferação. Proliferação: uma palavra que chega a nós do câncer e das armas nucleares. O câncer, quase por definição, não pode estar em todo lugar; o câncer se desenvolve em organismos de células não cancerígenas. E ainda assim, prolifera. Assim também acontece com armas nucleares – e *plantations*. Na proliferação irregular das ecologias das *plantations*, o Antropoceno fragmentado torna-se aparente. E aqui retorno ao Homem, com H maiúsculo, que cria recursos para o progresso através das *plantations*. Mas que tipo de perseguição e que tipo de Homem é esse? No que se segue, eu

alterno entre reflexões e narrativas fantasiosas. Minhas narrativas são alegorias necessárias, simultaneamente baseadas em evidências e criadas para oferecer novos valores para o pensamento.

## REFLEXÃO 1: A PACIÊNCIA DE MARILYN STRATHERN

Quando penso sobre a ambivalência nas categorias, a antropóloga que me vem à mente é Marilyn Strathern. Strathern nos guia para coisas que não se encaixam – e ainda assim estão juntas de alguma forma. Em contraste a uma “contradição” marxista, as bifurcações de Strathern não levam a lugar nenhum; não há síntese, mas, sim, uma chance de refletir sobre as categorias. Ela nos pede para pacientemente permanecer em uma confusão, não tentando resolvê-la, mas para ter tempo de considerarmos a incomensurabilidade (Strathern, 1991). Existem vários tipos de paciência aqui. Primeiro, a prosa nos atrasa. Em segundo lugar, nos obriga a considerar a multiplicidade através de escalas conflitantes, com suas conexões e desconexões. Em terceiro lugar, o trabalho mostra um caminho que combina a urgência da ação com a atenção às complexidades.

Eu acho tudo isso útil para considerar a Terra perseguida pelo Homem. O Homem é um problema tanto por ser limitado quanto por agir em todos os lugares. Assim também é com seu avatar, a paisagem das *plantations*. *Plantations* espalhadas por toda parte – são proliferações modernistas. Como máquinas de replicação, fabricam proliferação. No entanto, em toda parte, elas são formadas em histórias vernaculares, que as ligam às contingências de conflitos e às peculiaridades dos lugares. Elas nunca podem estar em todos os lugares, porque dependem das paisagens emaranhadas que elas separam. E, no entanto, cada erupção da *plantation* espalha a generalidade de toda a parte. Há uma confusão aqui: a *plantation* cria a generalidade da separação; no entanto, apenas um aparato local pode fazer emergir essa generalidade.

Essa não é exatamente uma bifurcação stratherniana; Ainda assim, tomo a liberdade de colocá-la dentro dos *insights* de Strathern sobre a antropologia feminista. Minha análise aqui é feminista em dois sentidos. É feminista por comparação, em sua relação com o impasse de Strathern acerca da multiplicidade e da escala. É também constitutivamente feminista em minha própria indignação com as obras destrutivas do Homem. Essa combinação me leva ao artigo *An awkward relationship: the case of feminism and anthropology* de

Strathern (1987). Esse artigo realmente me desafiou porque começou com categorias que pareciam completamente erradas: feminismo era universalismo e antropologia era relativismo cultural. A dicotomia solapou o próprio empreendimento em que ela estava embarcada – e acho que esse era o ponto. Nem universal nem relativista, a antropologia feminista de Strathern surgiu dentro de um conjunto insustentável de distinções, obrigando-nos a não esmiuçar as perspectivas, mas a usá-las para revelar suas contradições. Nós não podemos escolher: devemos impossivelmente aceitá-las. Em contraste com formas de estruturalismo nas quais as dicotomias são algoritmos para definir o mundo, como uma máquina em movimento, as bifurcações de Strathern detêm o mundo em suas trilhas. Elas fazem a confusão, diminuindo a velocidade para permanecermos nela. Para ficar pacientemente na minha confusão, deixe-me recorrer a uma história.

## CONTO 1: OS TRÊS MIL PORQUINHOS

Na Dinamarca, onde estou vivendo atualmente, a criação de suínos para exportação é a maior indústria agrícola do país e, de acordo com a maioria das pessoas com quem conversei, ajuda a definir o caráter nacional. Os porcos são criados em grandes operações de vários milhares de animais, mas é importante para os porta-vozes que estas sejam “fazendas familiares”. A Dinamarca tornou-se uma nação moderna através da mobilização de um movimento cooperativo agrícola, e os sonhos de modernidade foram, desde o início, ligados a um campo de fazendas familiares imaginárias. Os porcos são ativos universais e dinamarqueses vernaculares: a confusão do Homem.

Em março de 2015, Inger Anneberg levou-me em uma de suas viagens de pesquisa a uma fazenda de porcos no centro da Jutlândia (Anneberg; Vaarst; Bubandt, 2013; Hamman, 2006). Eu não sou uma estudiosa de porcos. Ainda assim, a fazenda fornece uma imagem tão vívida das “máquinas de replicação”, que tomo a liberdade de descrevê-la.

Deixe-me levá-lo primeiro ao edifício em que as porcas reprodutoras estão encurraladas. O mais impressionante, para mim, era que cada animal era classificado e manejado de acordo com seu status reprodutivo, que é minuciosamente conhecido. Nós começamos nossa turnê com as porcas jovens, que estavam se tornando reprodutivamente ativas pela primeira vez. Estas foram mantidas juntas em uma pocilga perto da porta principal, para facilitar a observação. Através do rastreamento da cor de sua genitália

externa, os agricultores sabem exatamente quando cada porca está entrando no cio. A parte de trás de cada porca é marcada com uma faixa colorida que indica o dia. Assim que a vulva estiver vermelha o suficiente, a porca é inseminada. E assim que a gravidez é confirmada, a porca é deslocada para diferentes pocilgas, cada uma indicando exatamente quantos dias a gravidez prosseguiu. A vida social nas pocilgas foi encorajada pelas discussões da União Europeia, que respondem ao recente reconhecimento de que os porcos são seres sociais.

Mas tal socialidade é cuidadosamente administrada em relação à exatamente como a fêmea está grávida: a princípio, ela precisa da opção pelo espaço privado; mais tarde, ela deve estar em grupo, a menos que esteja doente. Os fazendeiros sabem exatamente quando ela dará à luz e tudo está preparado para a chegada dos leitões. Estas porcas têm números variados de tetas, de 10 a 18, e, como as leitões têm suas tetas especiais, as mães não podem dar de mamar a mais leitões do que possuem de tetas. Mas os agricultores calcularam uma média de 14 tetas e, assim, ajustam a quantidade de inseminação para formar 14 leitões. Os quatro leitões a mais de uma porca com 10 tetas são dados a uma porca com 18 tetas. E, assim que possível, os leitões são removidos da mãe para que a porca possa voltar a produzir mais leitões. Como os leitões são removidos tão rapidamente, antes de terem o sistema imunológico adequado, eles são alimentados com antibióticos; ao mesmo tempo são desvencilhados até mesmo de bactérias intestinais. Tudo isso faz com que as porcas se reproduzam ao máximo. A fazenda é uma máquina de replicação: porcas e leitões são ativos, para serem gerenciados eficientemente. A eficiência é conseguida pela taylorização do processo de reprodução e pela remoção de impedimentos através de um espaço de vida estéril e monitorado de perto.

Acompanhado de perto, e ainda pela família dinamarquesa: esta é a *plantation* em contradição, tanto transcendente quanto localizada. Afinal, o agricultor explicou, eles não são como os holandeses hipermodernos, que transformaram fazendas de suínos em fábricas semelhantes a depósitos. Aqui está uma história vernacular em que o Homem emerge com características jutlandesas; aqui é o local em que o global entra em erupção. Vale a pena acrescentar algumas histórias.

O trisavô do fazendeiro, a quem chamarei de Mads, fundou a fazenda na região central da Jutlândia como participante de uma mobilização nacionalista do século XIX para

transformar os pântanos em fazendas familiares modernas. Os dinamarqueses perderam suas melhores terras agrícolas em uma guerra com a Alemanha e, como dizia o ditado, “O que foi perdido fora deve ser ganho dentro” (Olwig, 2008).<sup>3</sup> Esta norma nacional para as fazendas familiares modernas conformou contradições subsequentes. Quando os pais de Mads decidiram aprimorar sua fazenda mista em 1980, eles queriam mudar seus negócios para laticínios. Mas ao observar os números, Mads nos contou, eles perceberam que apenas os porcos eram viáveis. Os números diziam: empresa familiar aqui é a *plantation*. Entretanto, continuando as contradições, os pais de Mads encontraram um trabalho que poderia ser modernista e, ao mesmo tempo, familiar. Sua mãe foi para a Romênia e recrutou um jovem cujos familiares continuaram a fornecer trabalho à fazenda desde então.

O laço que combinava intimidade e separação pareceu-me particularmente claro num conjunto de conversas sobre a sexualidade dos porcos. Mads estava me explicando como inseminar as porcas usando um longo tubo de plástico inserido na vagina de uma porca. Diferentemente de uma vaca, uma porca precisa contrair alguns músculos internos para que o sêmen fosse introduzido. Cada vez que Mads descrevia o processo, ele parava dramaticamente, hesitava por um longo momento e usava o termo “orgasmo” para esse processo. Uma vez ele estava descrevendo a paciência necessária, já que a porca não responde imediatamente. Um colega meu perguntou o que ele faz durante a espera: ele estimula a porca? “Ele manda uma mensagem para sua esposa”, um pesquisador dinamarquês entrou em cena. Mads imediatamente concordou e começou a imitar o processo de mensagens de texto enquanto segurava o tubo de inseminação. Para mim, isso sugeria a tensão entre a intimidade e o desapego no coração da fazenda familiar e industrial. Isso é sexo, e isso não é sexo: assim, a máquina de replicação assume sua forma dinamarquesa.

E, no entanto, também há outra coisa, uma força oculta que surge nessa confusão entre geral e particular – e isso distancia e separa os dois. Considere as bactérias: bactérias infecciosas resistentes a antibióticos que surgiram na maioria dos espaços humanos semelhantes a *plantations*, como o hospital, se espalharam para quase todas as fazendas de suínos da Dinamarca (SSI; NFI, 2012). A onipresença dos antibióticos lhes

confere domínio. Para proteger os porcos e a nós da infecção, somos totalmente adequados, desde os pés até os cabelos; ficamos parecendo um pouco com as enfermeiras do Ebola. De fato, a propagação dessas bactérias desafiou um ritual nacional: a visita de crianças em idade escolar à fazenda de porcos. Debates sobre a segurança de suinocultura restabelecem os limites vernaculares da máquina de replicação, ao mesmo tempo em que suportam simultaneamente suas futuras proliferações – como em nossos processos de segurança.

A virulência é um negócio comum na *plantation*. Virulência tanto sublinha a generalidade da máquina de replicação, em suas proliferações, quanto a restringe. A própria *plantation* começa a aparecer como uma erupção semelhante a uma doença, ao mesmo tempo em que cria seus próprios patógenos. Esses ácaros de ácaros podem sacudir – ou estendê-lo através de novos terrenos vastos. Sentados nessa confusão, os elementos incomensuráveis do quebra-cabeça que chamamos de Homem emergem.

## REFLEXÃO 2: A FORÇA OCULTA

*The hidden force* é o nome de um romance de Louis Couperus, originalmente publicado em 1900, sobre os efeitos do colonialismo nas Índias Orientais Holandesas (Couperus, 1900/1990). Isso me leva a um desvio aos mundos coloniais que ajudaram a produzir antropologia e também *plantations*. O Homem entra em erupção nos encontros coloniais; encontros coloniais nos mostram o Homem como uma erupção. A produção simultânea da universalidade do Homem e as histórias provincianas e vernáculos que o ligam ao lugar são extremamente visíveis nesse espaço, no qual a incomensurabilidade é a prática cotidiana.

Mas deixe-me começar mais de um século antes do romance de Couperus para espiar Java do século XVIII, como descrito na incrível relato do historiador Jean Taylor, *The social world of Batavia* (Taylor, 2009). Aqui reside uma ilustração vívida do que quero dizer com a erupção do Homem. Naqueles tempos, os trópicos eram considerados insalubres para as mulheres brancas, e os oficiais coloniais chegavam como homens solteiros. Eles se envolveram com mulheres locais e tiveram filhos mestiços. Para cuidar dessas crianças, eles enviaram os meninos para a Holanda para sua educação, mas eles mantiveram as meninas em casa – e as casaram com a próxima geração de jovens que chegavam da Holanda. Para chegar a algum lugar na hierarquia colonial, os jovens

3 No original: “What was lost without shall be gained within”.

achavam oportuno casar com as filhas mestiças de seus superiores. Mas aquelas jovens mulheres eram criaturas das Índias: mastigavam bétete, manchando os dentes de vermelho; ouviam a música do gamelão enquanto os servos seguravam guarda-sóis reais sobre suas cabeças. Os homens europeus estavam enjoados e aterrorizados; eles tinham que sair de casa. Os homens formaram clubes e juntos descobriram linguística, arqueologia, história e ciência. A civilização ocidental surgiu em seus frenéticos esforços para evitar suas esposas. Simultaneamente provincial e cheio de espírito universal, esta foi uma erupção do Homem.

As erupções coloniais do Homem não se limitaram aos homens brancos. No início do século XX, um grupo de jovens javaneses de elite ficou fascinado com o Homem: tornando-se Homem, eles aprenderam a ser agitadores anticoloniais e acabaram construindo um movimento revolucionário. Esse processo é descrito na sequência histórica de Pramodya Ananta Toer, no *Pyru Quartet* e, especialmente, em seu primeiro romance *This earth of Mankind* (Toer, 1996). Pramodya descreve o amadurecimento de uma juventude javanesa protonacionalista, cujos horizontes são expandidos pelo sonho da modernidade: esta terra da Humanidade. Apesar das travessuras racistas de seus professores coloniais, que têm a coragem de chamá-lo de "Macaco", ele intenta alcançar esse potencial universal. Isso abre sua consciência para discussões sobre direitos e inspira sua luta contra a discriminação colonial. Mais uma vez, esta é uma erupção do Homem. Aqueles sem cromossomos Y brancos cristãos também podem navegar nessas águas.

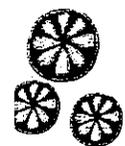
No entanto, nem os brancos nem os nativos conseguiam evitar a força oculta: a magia virulenta e a maleficência do abraço colonial. A força oculta emerge da própria arquitetura do Homem, com sua separação do mundo da vida. Quanto mais pura a racionalidade do Homem, mais forte é a força oculta. A força oculta atormenta o administrador colonial no romance de Couperus com esse nome; coisas indescritíveis e sem explicação acontecem. O protagonista tenta ignorar os efeitos de seus programas de racionalização na sociedade colonial que ele ajudou a criar. Mas o indescritível assombra-o, deslizado pelas rachaduras das paredes, salpicando sua esposa europeia com cuspe de bétete vermelho-vivo, embora ela esteja inteiramente protegida, ao que parece, em seu banho. Como as bactérias resistentes aos antibióticos, a força oculta emerge dos projetos do Homem. No romance, isso prejudica esses projetos, limitando sua universalidade imaginada. Às vezes, também, isso ocorre no mundo.

## CONTO 2: FORDLÂNDIA

O nome é tão cheio de mitos que não posso repetir o título da minha história. Fordlândia: a *plantation* de borracha do grande empreendedor Henry Ford no meio da selva amazônica e o local de um sonho de progresso moderno. Fordlândia: linhas retas de casas caiadas de branco, máquinas reluzentes e, é claro, as fileiras de seringueiras limpas que levam à eficiência, riqueza e poder. Então, alguns anos depois, Fordlândia: ruínas enferrujadas, lama invasora e uma torre de água abandonada; nada mais. Fordlândia foi uma erupção do Homem no Brasil no final dos anos 1920 e 1930. Ainda mais do que os porcos dinamarqueses, Fordlândia nos leva à incomensurabilidade do Homem ao espreitar a terra. Fordlândia é o Homem em sua forma mais geral, a máquina de replicação – e também em sua forma mais estranha e particular, entrelaçada e emergente às pequenas contingências da história. Então, também há a força oculta: a força de proliferação e também seu limite.

A maioria dos comentaristas aceita esse caso como uma lição objetiva contra as obsessões de um homem: Fordlândia aparece como um homúnculo do cérebro de Henry Ford. Mas sou grato a Evan Killick, que não apenas trouxe Fordlândia para minha atenção, mas também me enviou a ótima dissertação de Barry Machado sobre sua história (Machado, 1975). Machado oferece um relato em que os brasileiros são atores-chave e nos quais a história e a política são importantes. Em particular, Machado dá sentido ao fato de que a Ford contratou um capitão de navio norueguês-americano que, sabia Ford, não tinha experiência nem com o Brasil nem com a borracha para definir as principais características de sua *plantation*. Por quê?

Como Machado conta a história, durante grande parte da década de 1920, uma rede de imperialismo e intriga fez bom uso da Ford, a grande empreendedora da época. Henry Hoover, então secretário de Comércio dos Estados Unidos da América (EUA), difundiu a máxima de que os americanos devem ter sua própria borracha, um recurso estratégico que deveria estar livre de outros interesses imperiais. Os primeiros esforços nesse sentido foram para as Filipinas, então colônia dos EUA, mas os nacionalistas filipinos os bloquearam. Nesse clima, os futuros capitalistas compradores brasileiros surgiram e cortejaram Ford, que não se interessara anteriormente pela borracha. Em 1927, por meio de um conluio envolvendo um empresário brasileiro, um secretário consular americano, o



is uma questão  
ve ser levantada:  
Homem, puro  
rido, nem seus  
s indígenas, puros  
ridos, são  
ados.”

governador do estado do Pará, um facilitador britânico e um prefeito local, foi feita uma oferta para Ford que ele não podia recusar. Ford assinou e contratou pessoal para abrir sua *plantation*. Mas a política brasileira era um viveiro de facções de oposição, e outro grupo alertou jornalistas locais sobre as maquinacões por trás do acordo com Ford. Em 1928, os jornalistas divulgaram a história do conluio em todos os noticiários.

Segundo Machado, Ford ficou chocado; ele nunca havia visitado o Brasil e não estava prestando atenção à política. Mas agora a *plantation* já estava surgindo. Ford demitiu sua equipe, americana e brasileira. Por outro lado, contratou um homem supostamente honesto em quem podia confiar: um capitão norueguês. O fato de o capitão não saber nada sobre o Brasil era uma recomendação. Enquanto isso, o governador do Pará mudou, e os novos servidores foram hostis com Ford, e cortaram seus suprimentos, incluindo sementes de borracha. Ford respondeu fechando a *plantation* para o mundo: era não ver o mal, não ouvir o mal, não falar o mal. Sem diálogo local, o capitão e seus sucessores administraram a plantação de seringueiras em uma versão quase parodiada da ordem moderna branca (seja escandinava ou o do meio-oeste norte-americano): uma erupção do Homem em sua mais virtuosa generalidade e emaranhado em sua contingência.

Desde o início, foi um desastre. Os administradores tentaram criar um lugar moderno para o trabalho, com salários, em vez de bens comerciais e com a expectativa de abstenção do álcool e das mulheres. Os trabalhadores brasileiros, tanto caboclos quanto indígenas, acharam essas condições incompreensíveis e se recusaram a segui-las. Houve tumultos. Mas os maiores desastres vieram dos não humanos: como uma máquina de replicação, a *plantation* acelerou o crescimento não apenas das seringueiras, mas também de seus adversários.

Para apreciar como as patologias das plantas se tornaram a força oculta, eu preciso contar um pouco sobre o fungo que causa a ferrugem da folha de borracha, *Microcyclus ulei*. Eu mudo daqui de Machado para micologia

(Lieberei, 2007). O *Microcyclus ulei* infecta apenas seringueiras. Ele se espalha lentamente e causa pouco dano onde a borracha é cercada por outras árvores, como na floresta amazônica. Mas faça uma plantação homogênea em que todas as outras árvores tenham sido removidas e as seringueiras tenham sido plantadas lado a lado: uma máquina de replicação. Um novo modo de proliferação fúngica entra em ação, já um atributo do fungo, mas energizado pela *plantation*. Esporos assexuados com vida curta e pouca capacidade de disseminação geram pouca capacidade de proliferação do *Microcyclus* na floresta diversificada. Mas na *plantation*, basta que os esporos produzidos passem de uma folha para outra folha para infectar uma nova árvore. Isto é particularmente eficaz quando, privado de novas sementes por uma administração hostil, a diversidade genética das plantas é pequena. Enquanto isso, a *plantation* é estruturada para acelerar e sincronizar o fluxo de folhas jovens; o fungo, que infecta apenas folhas jovens, é apanhado nesse novo regime de crescimento – e em anos favoráveis o excede. A arquitetura da *plantation* promove não apenas o crescimento da borracha, mas também a proliferação da ferrugem da folha da borracha. Em Fordlândia, a ferrugem da folha de borracha explodiu e todas as árvores morreram.

Convém dizer que a doença das folhas de borracha já era bem conhecida na década de 1920. Se Fordlândia não tivesse se protegido de influências externas, tanto locais quanto estrangeiras, talvez as coisas tivessem sido organizadas de maneira diferente. De fato, eventualmente, algumas operações foram transferidas para um local mais seco, Belterra, onde trabalhadores assiduamente enxertaram, inspecionaram e lavaram as árvores para deter insetos e fungos. Ainda assim, quase nenhuma borracha foi produzida durante todo o experimento. Até hoje ninguém produz borracha nas *plantations* no Brasil. As *plantations* de seringueiras estão limitadas à Ásia e à África, para onde as sementes brasileiras foram transportadas sem a companhia dos fungos. É revelador que as Nações Unidas tenham colocado a ação deste fungo em sua lista de armas biológicas (Lieberei, 2007). Não seria necessário um plano terrorista para espalhar o fungo, destruindo as economias das *plantations*. O fato de que essa disseminação não tenha acontecido até agora é um testemunho das lacunas entre as *plantations*, o Antropoceno irregular, fragmentado. E, no entanto, essa história, encenada uma vez como farsa, invertendo Marx, se repete como tragédia. Mas primeiro:

### REFLEXÃO 3: HOMEM NO BRASIL

Descrever uma erupção do Homem no Brasil me leva ao terreno de um dos antropólogos mais empolgantes e polêmicos do nosso tempo: Eduardo Viveiros de Castro. Viveiros de Castro me permite evocar um domínio tão grandioso como o do Homem. No entanto, mesmo quando vejo o Homem na Amazônia, Viveiros de Castro bloqueia minha capacidade de ver as contingências da erupção do Homem. Dom e veneno: que impasse!

Viveiros de Castro permite aos antropólogos dar uma segunda olhada no Homem, não ver seu gênero, sua raça ou suas estruturas familiares, de propriedade ou administração, como já fizemos há algum tempo, mas, sim, examinar seu confronto com a Natureza – com N maiúsculo –, entidade contra a qual o Homem se desafia (Viveiros de Castro, 1998). Viveiros de Castro estimulou um novo tipo de teoria anticolonial na qual esse tipo de Natureza, classificada e isolada para exercícios de alienação, não parece mais a única alternativa. Além disso, o Homem que faz essa Natureza destaca-se, nos escritos de Viveiros de Castro, ao confrontar seu Outro no ameríndio (Viveiros de Castro, 2004). Assim como o pós-colonialismo crítico anterior vindo da Ásia nos mostrou a modernidade emergindo em primeiro lugar dos locais asiáticos de alteridade na Europa, Viveiros de Castro mostra o Homem do Homem-e-Natureza triunfando no Brasil.

No entanto, há uma diferença entre os respectivos anticolonialismos da teoria decolonial latino-americana e a variedade pós-colonial asiática. Considere como um maravilhoso exemplo a demonstração de Thongchai Winichatku! sobre a construção da modernidade no reino de Sião: as elites siamesas fizeram da modernidade em suas negociações um cálculo europeu da racionalidade (Winichatku!, 1997). Desde o seu início, a modernidade foi revestida pelas histórias dos colonizados e excluídos. Nessa história, a modernidade é um palimpsesto de histórias vernaculares de todo o mundo, onde o Homem não pode ser desvinculado das negociações criativas e das lutas desenhadas em seu seio. Em contraste, Viveiros de Castro purifica o Homem, buscando uma essência estrutural, tanto no ocidental quanto no ameríndio, que permanece intocada pela história. Ele distingue as histórias confusas dos mestiços para recuperar a longa e desprezada figura do ameríndio, ressurgindo como protagonista da crítica radical. Há uma visão inteligente aqui. Em vez de reduzir o mundo ao domínio do Homem, em todas as suas muitas

variações, Viveiros de Castro revitaliza aquele núcleo de alteridade que ainda pode brilhar através da contaminação para reanimar o mundo. Lembro-me de ler a rejeição de Michael Taussig em considerar o índio da Amazônia como irrecuperável; foi quase uma reflexão tardia (Taussig, 1986, p. 135). Viveiros de Castro desafia nossa disciplina recuperando-a. A figura do ameríndio faz com que outros mundos pareçam possíveis – e nos lembra do poder contínuo da proliferação do Homem.

Minha vontade de abrir a questão do Homem se baseia nesse *insight*. Como disciplina, ficamos entediados do Homem, vendo-o como menos relevante para nossas preocupações atuais. Pensamos que tínhamos terminado com ele; nós o largamos em um canto qualquer com outras antiguidades. Mas a teoria decolonial latino-americana volta a me envolver com sua importância contínua – e a contínua proliferação de seus primeiros princípios. Ao mesmo tempo, não me contento em engoli-la por inteiro. Aquele Homem que é apenas uma representação de si mesmo não pode emergir em uma erupção contingente do tipo que introduzi em Fordlândia. Aquele Homem apenas faz e faz – e não há nenhum Antropoceno fragmentado, mas apenas aquele em que Ele já nos superou a todos. Não há muita tração para a habitabilidade. O que eu preciso, infelizmente, é uma desordem Stratherniana: uma relação desajeitada entre Thongchai e Viveiros de Castro. Eu preciso tanto do Homem historicamente disposto em camadas quanto do sempre generalizado e generalizável. Na prática, isso significa uma descrição que enfrenta os dois lados: por um lado, oferece desafios mais que locais; por outro lado, evoca a fricção das conjunturas históricas. A proliferação de *plantations* é esse tipo de problema: a proliferação é uma característica estrutural e universalizante da modernidade ocidental, mas também um efeito provinciano e contingente das histórias vernaculares híbridas de raça, classe, gênero, expansão imperial, governo estatal e muito mais. Em todo lugar e simultaneamente limitado: é um tanto quanto perverso, mas é o que torna possível o projeto de uma antropologia do Antropoceno.

Há mais uma questão que deve ser levantada: nem o Homem, puro ou híbrido, nem seus Outros indígenas, puros ou híbridos, são adequados. As separações do Homem permitiram que novas ecologias de parentesco, reprodução e morte surgissem, mas estas não são nem intencionais nem de seu conhecimento. Tampouco são sujeitos de cosmopolíticas indígenas. Nem o Homem nem seus Outros assumem a responsabilidade;

não existe um plano. Eu tenho chamado isso de força oculta – o excesso do encontro colonial, explicado por nenhum dos lados. O Antropoceno é “força oculta” até o fim.

### CONTO TRÊS: A MORTE DE COMPANHEIROS INDISPENSÁVEIS

Oliver Rackham foi um botânico britânico que dedicou sua carreira às florestas. Ele não estava interessado em desertos pouco visitados, mas, sim, nos lugares habitados há muito tempo, feitos por histórias humanas e não humanas. Ele observou os tipos de árvores que aparecem em campos abandonados e se recuperam após o corte. Se nos preocupamos com a habitabilidade, seja para nós mesmos ou para os outros, a vitalidade e a diversidade dessas florestas antropogênicas é algo a ser observado. Carvalhos, faias, freixos: nós ignoramos tais árvores, mas elas são companheiras indispensáveis. Chame de “serviços ecossistêmicos” se você quiser. Nós não podemos viver sem eles. Rackham, um observador atento, estava angustiado ao ver até mesmo as árvores mais comuns de suas amadas florestas murcharem: o carvalho, infectado por um mofo que o impediu de crescer na sombra; a faia, destruída por esquilos cinzentos importados; o freixo, vítima de um fungo.

Eu nunca conheci Rackham. Como admiro o trabalho dele, tentei convidá-lo para uma conferência, enviando-lhe uma sequência de e-mails frenéticos entre janeiro e o começo de fevereiro de 2015. Então, em meados de fevereiro, descobri que ele nunca mais responderia aos e-mails: ele havia morrido. Companheiros indispensáveis são humanos e não humanos.

O livro de Rackham, *Woodlands* (Rackham, 2012), iniciou minha descida ao Antropoceno fragmentado. Antes de lê-lo, pensara em doenças, pragas e espécies invasoras como um resultado necessário da viagem e do comércio humanos: parte do que significa, talvez, ser humano. Rackham sugeriu outra coisa. Introduções casuais de pragas não são o problema. A maioria das ecologias pode se recuperar dessas introduções casuais. Para as plantas, é a industrialização promovida pela indústria de viveiros de árvores com sua grande exportação global de solos e plantas que causa tanto a ampliação da taxa quanto a virulência da disseminação contemporânea de patógenos – e o conseqüente declínio até mesmo de nossas árvores mais comuns. Isso me chamou a atenção. Este não é o trabalho das pessoas comuns. Este é o Homem em seu avatar na *plantation*. Pior ainda,

esta é a *plantation* misturando-se em florestas: as ecologias ainda entrelaçadas do mundo sem *plantations*. Esta é a proliferação do Antropoceno, em todos os seus perigos. Uma avenida inteira para pesquisa potencial se desdobra dessa revelação: seguir os fragmentos do Antropoceno através de seus processos industriais e seus efeitos não intencionais. Aqui eu ofereço notas de abertura, um pequeno canto *a cappella* pelo declínio de nossos companheiros indispensáveis.

O freixo europeu é o assunto do último livro de Rackham (2014). Não havia razão para plantar freixos; ele surge em todos os lugares com perturbação humana. Não havia razão para importar freixos; é uma árvore comum em toda a Europa. No entanto, o transporte de contêineres ameaçou esse companheiro. Com a capacidade de colocar 18.000 árvores, com seu barro contaminado, em um único contêiner, o comércio de viveiros estava pronto para transportar carvão para Newcastle. Remessa de contêineres: uma *plantation* flutuante. Com isso veio um fungo assassino.

Há cem anos, os norte-americanos começaram a importar pinheiros brancos cultivados em viveiros de plantas. Não havia razão para plantar pinheiros brancos; eles surgem em todos os lugares. Não havia razão para importar pinheiro branco. Mas os preços estavam bons e as plantações europeias de pinus foram importadas. Com eles veio a ferrugem de pinheiro branco, que entrou nas florestas americanas, não apenas nas plantações, matando árvores.

A industrialização das transferências de plantas tem dois efeitos. Primeiro, ela move os patógenos em uma escala incompreensível, bloqueando a recuperação da planta. Como disse Rackham: “As catástrofes não são necessariamente anormais... É a taxa de catástrofes – a cada poucos anos, em vez de uma em um milênio – que importa”. Ele continua: “A globalização do plantio de árvores, inevitavelmente, tende a globalizar as doenças das árvores, particularmente a *Phytophthora*, que pode se hibridizar e gerar cepas virulentas” (Rackham, 2012, p. 427-428). As *Phytophthoras* são mofos que estão matando os carvalhos e medronheiros das minhas matas de Santa Cruz. Assim ele tratou da segunda forma pela qual as *plantations* ultrapassam seus limites: são criadouros de virulência. O comércio de plantas industriais não apenas se move em torno de agentes patogênicos; ele gera patogenicidade. Assim, para a ferrugem das folhas de borracha, um novo tipo de proliferação tornou-se possível, aumentando as habilidades do fungo. O comércio

industrial também transforma patógenos. *Phytophthoras* hibridizam e criam formas que atacam novos hospedeiros quando reunidos no comércio de plantas industriais (Brasier; Cooke; Duncan, 1999). O fungo *Batrachochytrium dendrobatidis* (Bd), que está matando sapos ao redor do mundo, é, de forma semelhante, uma nova forma virulenta. O comércio industrial parece ter estimulado tanto a hibridação quanto a propagação: o estreito contato dos corpos no comércio industrial facilita a proliferação de fungos. Enquanto isso, as rãs industriais se distanciaram ferozmente de outras espécies, criando novas possibilidades para a evolução dos fungos. A forma virulenta emergiu nessa interação de muitos corpos e muitas espécies. Os detalhes dessas histórias se alteram com a evolução da pesquisa. No entanto, até agora eles apenas reforçam meu ponto: a forma da *plantation* traz novas biológicas e ecológicas.

“Há mais coisas no céu e na terra, Horácio / Do que você sonha em sua vã filosofia”.<sup>4</sup> Essas novas ecológicas recusam a síntese moderna da biologia, sua erupção do Homem. Na síntese moderna, os seres vivos são controlados pelo seu DNA; nitidamente segregado, nem a classificação nem a alienação são um problema. Em contraste, essas patogenidade emergentes exploram o terreno oculto da síntese moderna: epigenética; meio ambiente; interações interespecies. Alguns sapos expostos a pesticidas morrem mais facilmente da infecção por Bd (Davidson *et al.*, 2007). Os fungos assassinos encontram novos hospedeiros quando proliferam nas plantações. Os microbiomas humanos sofrem mutações em níveis de radiação comprovadamente seguros para as células humanas, com consequências ameaçadoras. O Homem, em seu isolamento ordenado, mal sabe como reagir. Isto não é obra do Homem, diz ele. Mas então, o que é isto, e quem permanecerá vivo?

## PENSAMENTOS FINAIS

Minha paixão me afastou aqui da paciência de Marilyn Strathern. Deixe-me reunir as coisas novamente – e retornar às percepções de Strathern.

O termo Antropoceno chamou a atenção de muitos tipos de pensadores, mas ainda não de maneira consistente. Uma das formas mais populares pelas quais o termo vem

sendo usado – e temo que continue a se tornar mais influente – é o “bom Antropoceno”, isto é, o “Antropoceno no qual mais ecológicas da alienação resolverão todos os nossos problemas. O Breakthrough Institute, por exemplo, promove a ideia de um Antropoceno melhor por meio do capitalismo e da tecnologia: o homem estará encarregado de supervisionar a si mesmo.<sup>5</sup> Mas as ferramentas do mestre nunca dismantlarão a casa do mestre.<sup>6</sup> Se novas formas de morte humana e não humana surgirem em ecológicas de alienação, mais alienação apenas exacerbará o problema.

Eu permaneci com o termo Antropoceno apesar de tudo isso porque eu ainda o vejo como aberto a diálogos que podem alterar seu conceito. Neste artigo, argumentei que poderia haver um conceito antropológico de Antropoceno, isto é, um Antropoceno em que os antropólogos pudessem desempenhar um papel importante de pesquisa. Isso seria mais do que seguir os cientistas em volta e apontar suas fraquezas, embora pudesse haver espaço para isso também. Eu quero uma antropologia que envolva o mundo, humano e não humano, tanto em sua habitabilidade complexa quanto nas novas formas de morte que nos atormentam. Este é o Antropoceno fragmentado – e isso é um kanbudista. O Antropoceno é global; não pode existir em partes. No entanto, o Antropoceno verdadeiramente global é aquele em que todos nós já estamos mortos, em função da crise ambiental. O fato de vivermos fala fragmentos de habitabilidade entre novas formas de morte. O impasse conceitual, então, é o que temos que viver.

A ambivalência stratheriana é útil para pensarmos sobre este impasse. Strathern nos orienta a fazer bom uso de contradições intratáveis. Nossas ferramentas de análise bloqueiam nossa capacidade de ver nossos objetos. Tudo bem, ela diz, esse é o dilema no qual temos de nos deter. O Antropoceno é esse tipo de dilema.

Juntamente com alguns de meus colegas em Aarhus, há pouco tempo escrevi uma revisão de conferências interdisciplinares sobre o Antropoceno (Swanson; Bubandt; Tsing, 2015). Para nos manter entretidos, fizemos uma piada stratherniana. O Antropoceno, dissemos, é “menos que um, mas mais que muitos”. Estávamos invertendo a descrição

5 Ver, por exemplo, seu “Manifesto Ecomodernista”. Disponível em: <http://www.ecomodernism.org/manifesto/>. Acesso em: maio 2015.

6 Esta frase usa o título de um discurso de Audre Lourde (1984) que se tornou uma parte importante do cânone feminista.

stratherniana de complexidade em *Conexões parciais* (*Partial connections*) como “mais do que um, mas menos que muitos” (Strathern, 1991, p. 35). O que queremos dizer é que nós, pensadores antropocênicos, não tínhamos ideia do que estávamos falando, ao mesmo tempo que espalhamos o conceito por todo o lugar: menos de um e mais do que muitos. Eu tentei aqui levar essa piada ao mundo, isto é, mostrar como ela se aplica não ao conhecimento, mas ao próprio mundo. O Antropoceno é menos de um, quer “um” seja interpretado como sistemas, estruturas ou hegemonias cosmológicas. O homem não governa totalmente. Nenhum “um” cobre o planeta. No entanto, em todo o planeta, algo novo e inexplicável se espalha: as biologies selvagens como a força oculta. Proliferação prolifera – e é sempre mais do que muitos. Menos que um e mais que muitos: outro k an para o Antropoceno fragmentado.

E se há fragmentos de complexidade nesta terra que herdamos do Homem, talvez nosso trabalho não seja apenas observá-los, mas também fazer o melhor possível para mantê-los no lugar.

